

# Sobre a intensidade das experiências de lugar: a construção da realidade na prática do cotidiano<sup>1</sup>.

Leandro Forgiarini de Gonçalves<sup>2</sup>

## Resumo

Ao refletir-se sobre a obsessão do homem pelo conhecimento, e o esmero com que conduz suas experiências científicas, percebe-se que no final das contas ele sempre terá o propósito da comprovação ou descoberta de algo. Nota-se que, para o cientista, a realização da experiência compõe aquilo que ele elaborou no plano das idéias, e o resultado final é aquilo que faz do projeto inicial uma realidade constituída. Real aos olhos da ciência. Real às portas do mundo. No entanto, poderia a ciência colocar em xeque a validade da experiência ao questionar o que é ou não a própria realidade? Antes de mais nada, convém advertir que, por mais científica que seja a prática da ciência, o domínio de toda a forma do conhecimento escapa ao pensamento humano. E, assim, quando o homem pensa ter chegado ao ápice do conhecimento é que o universo reage contra a sua extrema arrogância. O presente artigo trata, sobretudo, a respeito das experiências humanas, e sobre a forma como a vida cotidiana interfere na realidade. Mais especificamente, as reflexões se referem à realidade que é constituída na prática do dia-a-dia, através da realização dos lugares. Para tanto, optou-se por um enfoque humanista. Às ciências humanas, o humanismo revela-se como portador da poesia e da emoção, transformando o sabor do conhecimento em uma experiência que reforma ardorosamente o ato do pensar. O conhecimento, a ciência, a experiência, a realidade, a poética, o humanismo, a geografia, o homem e o amor pelo lugar. Essas são algumas das centelhas que incandescem a temática deste trabalho, tornando-o um substrato do pensamento que rompe as barreiras rígidas e preconceituosas da produção científica. Pensar o homem a partir de suas experiências de vida, esse é o tema central deste artigo. Delineia-se, por meio da geografia humanística, um plano sensível e poético que está voltado ao entendimento das experiências e vivências do homem no espaço. Logo, por estar estreitamente ligada às experiências humanas do cotidiano, a categoria de lugar surge no centro das discussões feitas pelos geógrafos humanísticos, que se empenham na elucidação dos arranjos materiais e simbólicos que agem na formação desses lugares. Nessa mesma linha de pensamento, desponta o conceito de “topofilia”, ou seja, a afetividade que o homem desenvolve com os lugares. Para a geografia, a topofilia é um sopro de humanismo que está amparado pela concepção existencial do espaço amoroso, terno e seguro. Enfim, é possível que o estudo da categoria de lugar também comporte o cientificismo geográfico, no entanto, ao se propor uma abordagem humanista para o entendimento da categoria de lugar, está-se buscando uma forma de pensar o espaço a partir de uma dinâmica vívida e emocional. Trata-se de um enfoque que não desconsidera a complexidade do espaço geográfico e também está muito próximo da humanidade do homem. Os enigmas do cosmo se confundem com os mistérios da humanidade, e por isso o estudo dos lugares, que são sempre lugares dos homens, torna-se tão imprescindível quando se deseja trilhar um pensamento acerca da condição de ser humano.

**Palavras-chave:** Geografia Humanística; Experiência; Realidade; Lugar; Cotidiano.

---

1 Trabalho apresentado ao Eixo Temático “Mobilidade da população e identidade cultural”, do XII EGAL – Encontro de geógrafos da América Latina. Montevideú, 3 a 7 de abril de 2009.

2 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da Universidade de São Paulo. E-mail: leandrof@usp.br

## Conhecimento e Ciência

O geógrafo humanístico Yi-Fu Tuan (1983) escreve que a experiência está diretamente relacionada à maneira como a realidade é entendida e construída pelas pessoas. Essa afirmação dimensiona a noção de experiência aos diferentes níveis de intensidade. De fato, a experiência é um termo chave da obra de Tuan, pois suas reflexões visam compreender as múltiplas formas de relação que o homem estabelece com o mundo.

Com esse propósito, Tuan adotou as categorias de espaço e lugar como os eixos de suas análises. Levando em conta uma perspectiva experiencial, Tuan (1983, p.6) esclarece que o espaço e o lugar se complementam, e que um não pode ser entendido sem o outro. O autor alerta que se o espaço é algo que permite o movimento, e que evoca a idéia de circulação, então o lugar seria a pausa. Para Tuan (1983, p.6), “cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar”.

Assim, seguindo a linha de pensamento explicitada pelos geógrafos humanísticos, pode-se dizer que o lugar é onde a realidade da vida se constrói por meio das práticas do cotidiano, através das sucessivas pausas de circulação pelo espaço. Mais do que isso, o lugar comporta um conteúdo relacional por ser histórico e sentimental. Ele pode ser compreendido, ainda, por seus arranjos abstratos e subjetivos, visto que está intimamente ligado às experiências humanas do dia-a-dia.

Esboçadas essas primeiras palavras, e antes que se dê continuidade às reflexões apontadas pela teoria humanística da geografia, optar-se-á por fazer uma breve digressão disciplinar, o que acarretará na mudança do rumo e do ritmo dos “passos” seguidos até aqui. Cabe destacar que a sinuosidade do caminho que ora será apresentado está diretamente relacionada à orientação metodológica deste trabalho. Pois, a teoria humanística é uma linha de pesquisa que se nutre com a intersecção de outras tantas disciplinas, mas, principalmente, com a filosofia.

Para dar respaldo a tal inversão de cunho epistêmico, convém ressaltar o seguinte pensamento evidenciado por Morin (2005, p.16): “todas as ciências e todas as artes iluminam, a partir de ângulos específicos, o fenômeno humano. Mas esses focos de luz estão separados por profundas zonas de sombra, e a unidade complexa da nossa identidade escapa-nos”.

Pode-se antecipar que as reflexões que se espera alcançar ao término deste trabalho dizem respeito ao fenômeno humano. E a força que impele a digressão enunciada anteriormente refere-se, em grande parte, às “zonas de sombra” descritas por Morin. Essas sombras revelam muito sobre a identidade humana, e por essa razão seria uma lástima desconsiderá-las ou relegá-las ao término do trabalho.

Bachelard (2007, p.10) escreve que “mesmo na mente lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem sombras”. A sintonia entre o pensamento de Morin e Bachelard leva a pensar em outras formas de se fazer ciência e de se proceder nas formulações de teorias. Sobretudo, ambos fazem menção à necessidade e importância de se reformar arduamente o pensamento.

Assim como muitas religiões parecem estar constantemente no limiar do fanatismo, algumas ciências também são levadas por seus cientistas ao limite da obsessão. É nesse sentido que Bachelard (2007, p.10) alerta para uma espécie de arrogância científica, ao escrever sobre “a avareza do homem erudito que vive ruminando o mesmo conhecimento adquirido, a mesma cultura”, tornando-o, assim como todo o avarento, uma “vítima do ouro acariciado”.

O erro narcísico de se confundir ciência com cultura ou religião acarretará na profusão de dogmas, que são aqueles fundamentos inquestionáveis tão característicos

das doutrinas religiosas. A avareza de quem permanece ruminando a mesma doutrina impede-o de praticar um pensamento livre, solto e audaz.

Contudo, não há como negar que as descobertas mirabolantes, as façanhas acadêmicas e os rompantes divinais dos cientistas fizeram e têm feito com que a “recente” permanência dos seres humanos no planeta terra esteja sendo marcada pelo vigor e obstinação das inovações técnico-científicas. Mesmo assim, em meio a todo o arrojo desse conhecimento, subitamente apresenta-se o lado oposto da mesma moeda. Afinal, toda a grande empreitada que traz consigo o sal da novidade, também oferece o risco de propagar o germe da destruição.

Em seu pensamento complexo, Morin (2005, p.25) avalia:

O desenvolvimento da hominização não constitui uma interrupção das desordens e dos acasos, mas uma aventura submetida a desafios ecológicos, acidentes, conflitos entre espécies primas, que se terminam pela liquidação física dos vencidos. Assim, é toda a aventura cósmica, telúrica e biológica que parece obedecer a uma dialógica entre harmonia e cacofonia. O homem, oriundo dessa aventura, tem a singularidade de ser cerebralmente sapiens-demens, ou seja, carregar, ao mesmo tempo, a racionalidade, o delírio, a hubris (insensatez), a destrutividade. E a história humana, torrente tumultuosa de criações e de destruições, despesas inusitadas de energia, mistura de racionalidade organizadora, ruído e furor, tem algo de bárbaro, de horrível, de atroz, de esplêndido, evocado pela história cósmica, como se esta se tivesse gravado em nossa memória hereditária.

É bem provável que o homem seja mais parecido com o universo do que realmente possa suportar. Os pólos das reações humanas bem que poderiam ser comparados aos extremos deflagrados pela história cósmica. Contudo, à humanidade faltam os bilhões de anos de existência do universo, e por isso mesmo essa hereditariedade deveria ser apontada com ressalvas. A reflexão de Nietzsche (2000, p53) transcrita a seguir não revela apenas a arrogância dos seres humanos em relação ao conhecimento, mas principalmente a soberania do universo em relação ao homem:

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’: mas foi somente por um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza, congelou-se o astro e os animais inteligentes tiveram que morrer.

À luz desta “fábula” elaborada por Nietzsche, far-se-á os seguintes questionamentos: Aonde, de fato, o homem pretende chegar com o seu conhecimento? Poderá o homem desvendar todos os códigos secretos do universo por meio de suas ciências? E ainda, será que ele realmente deveria tentar fazer isso? É bem verdade que as respostas a essas indagações, por sinal um tanto existencialistas, não estarão presentes nos parágrafos que se seguem. Contudo, essas questões desvelam a sutil linha de reflexão sob a qual se baseia a digressão disciplinar outrora mencionada.

Num primeiro momento, falou-se sobre a concepção de experiência como indicador da realidade. Pois bem, deve-se destacar que, nos últimos anos, os físicos, estes cientistas que lidam com a intimidade da matéria, também têm se dedicado ao estudo daquilo que possa vir a ser a realidade.

## Experiência e Realidade

O físico Brian Greene (2005, p.21), que escreve sobre “o quão próximo estamos de envolver com as nossas mãos o tecido do cosmo e tocar a textura da realidade”, explica que, para Albert Einstein, “o espaço e o tempo eram a matéria-prima que compõe a realidade”.

Einstein, ao lado de nomes como Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton, está dentre os expoentes máximos que revolucionaram as ciências. Mas especificamente para a física, o mentor da teoria da relatividade deixou o seu enorme legado e o exemplo de obstinação em tentar desvendar os mistérios do universo através da decomposição do tempo e do espaço.

Poder-se-ia supor que Einstein, hoje, não se sentiria envergonhado com os desdobramentos da física e com o rumo que seus sucessores deram a essa ciência. Pelo contrário, o fôlego dos físicos da atualidade é invejável. Greene (2005, p.19) fala de cientistas incansáveis que “dissecam folha por folha, camada por camada, enigma por enigma, a cebola cósmica” a fim de revelar um universo surpreendentemente estranho e desconhecido.

De certo modo, as teorias desses pesquisadores seriam bem assustadoras se não fossem tão fascinantes. Sobretudo, àqueles que não estão acostumados com a complexidade das equações e dos teoremas da física, essas teorias causam enorme estranhamento e receio.

O próprio Greene (2005, p.11) escreve que “realidades estranhas e inesperadas podem surgir não só da imaginação fértil da ficção científica, mas também das descobertas da física moderna”. E isso leva a acreditar que as histórias que há bem pouco tempo se resumiam às telas do cinema e às páginas da literatura passaram a ter uma substantivação bastante real ao fazer parte do mundo acadêmico. Resultado das teorias da relatividade, das complexas conexões da mecânica quântica e do que os físicos têm aprendido com a cosmologia, essas histórias incríveis não pertencem mais, apenas, ao mundo genial das idéias.

Greene explica que os cientistas têm procurado caminhos para trabalhar a consonância entre as teorias clássicas e os avanços da física contemporânea. Ou seja, algo que se aproxime da “fusão harmoniosa das leis do grande e do pequeno” (GREENE, 2005, p.33), características verdadeiramente extremas e complexas quando se está falando da física. É realmente intrincado tentar compreender as medidas de “grande” e “pequeno” quando se imagina, por exemplo, que no Big-Bang todo o universo observável estava contido em um grão muito menor do que um simples átomo.

Por conseguinte, na tentativa de desvendar os mistérios do cosmo, os físicos atuam entre as velhas perguntas e as novas teorias. Eis que uma das teorias mais controversas da física contemporânea foi chamada de “teoria das supercordas”. Esta tem respondido a uma significativa parcela das incógnitas da física, e chegado muito próximo da teoria unificada que Albert Einstein tanto perseguiu (GREENE, 2005).

De acordo com Greene (2005, p.32), Einstein uniu o espaço, o tempo e a gravidade em suas duas teorias da relatividade. E também sonhou com a polêmica teoria unificada, um esquema único e abrangente capaz de conter todas as leis da natureza.

É possível que para um gênio como Einstein, chegar a uma teoria dessa grandeza não soava de forma tão improvável. Mesmo assim, uma teoria que responda a todas as leis da natureza não deixa de parecer uma tremenda arrogância do pensamento humano. Extravagante, assim como todas aquelas teorias que um dia já pareceram impraticáveis, mas que hoje fazem parte da história do homem e da evolução do seu conhecimento.

Entretanto, como também revela Greene (2005, p.32), para Einstein a teoria unificada não passou mesmo de um sonho, salvo alguns boatos conspiratórios sobre a chance de tê-la descoberto em vida. Mas o fato é que esse sonho pode estar bem mais próximo de tornar-se uma realidade. Ou será que não? Afinal, a teoria das supercordas, que reacende a controvérsia da teoria unificada, coloca em cheque exatamente o que é ou não realidade.

Greene (2005, p.34) explica que a teoria das supercordas revoluciona o entendimento que se tem sobre o “tecido do cosmo” e a maneira como se percebe o tempo-espaço. Em síntese, a teoria das supercordas, que é a fusão da relatividade geral com a mecânica quântica, apresenta, matematicamente, uma nova configuração para o espaço-tempo.

A grande surpresa está na possibilidade de existirem nove dimensões espaciais ao invés das tradicionais três dimensões que compõem o espaço. Em outra versão mais arrojada da teoria das supercordas, a chamada “teoria-M”, o número de dimensões espaciais ainda aumentaria para dez. Sobre essa curiosa revelação, Greene (2005, p.35) escreve que:

Como não vemos essas dimensões adicionais, a teoria das supercordas nos informa que até aqui só vimos uma fatia estreita da realidade. [...] a possibilidade de que as dimensões adicionais sejam enormes abre espaço para algo ainda mais notável: a existência de outros mundos, próximos a nós – próximos, não no espaço comum, e sim nas dimensões adicionais – e dos quais, até agora, não temos nenhuma consciência.

Ou seja, o espaço estaria recheado de mais espaços, e a realidade coberta por outras tantas realidades. De fato, essa idéia ecoa demasiadamente inventiva e fantasiosa, mas os físicos pretendem demonstrar o contrário. No ataque à realidade percebida pelos “frágeis sentidos humanos”, é que Brian Greene (2005, p.38) começa a construir a sua longa investigação sobre o cosmo e a textura da realidade.

O encantamento do autor pela física se deu por meio do desejo de “conhecer o universo em todos os níveis possíveis”. Greene entregou-se a física para descobrir os segredos do cosmo, e parece já ter aprendido profundos ensinamentos sobre as experiências humanas e a realidade.

Greene (2005, p.19) propala o que chama de “lição essencial” resultante das investigações científicas dos últimos cem anos, que é a seguinte: “a experiência humana muitas vezes é um falso guia para o conhecimento da verdadeira natureza da realidade. Logo abaixo da superfície do cotidiano está um mundo que mal reconhecemos”.

O impacto desse pensamento é imediato: não há como negar que o homem torna-se um refém de seus sentidos, e que por isso mesmo entrega-se facilmente à sedução das coisas imediatas e aos prazeres efêmeros das superfícies.

Assim, frente à “lição essencial” propalada por Greene, chega-se ao ato final da digressão proposta inicialmente. Com a concepção de realidade suspensa e a idéia de experiência ameaçada, há que se fazer a retomada do tema central deste trabalho. Para tanto, trar-se-á à tona outro enfoque científico. Bem longe das equações matemáticas, mas muito próximo do - ser - humano, a teoria humanista aparece como uma alternativa que se contrapõe aos modelos rígidos das ciências que têm por princípio a manipulação de dados numéricos.

Justamente por não tratar o homem como um dado, é que o humanismo representa uma opção bastante adequada para que se possa refletir a respeito da condição humana. Afinal, o homem ainda é humano, demasiadamente humano, como diria Nietzsche. O mundo que a espécie humana habita é essencialmente orgânico, visto que ainda não foi totalmente dominado pela artificialidade mecânica das tecnologias.

Por essa razão, observa-se urgência em se repensar a vida do homem e sua relação com o mundo. Um mundo que a espécie humana já transformou, organizou, reorganizou, bagunçou inúmeras vezes, mas que ainda a abriga. E esse homem, que tem tanto a aprender sobre si mesmo e tantos mistérios a revelar sobre a sua própria identidade, pretende abarcar todos os segredos do universo.

Morin (2005, p.293) escreve que a aventura humana é desconhecida e que o homem é habitado por seu próprio desconhecimento. Porque, para o autor, “não há nada neste mundo que não carregue em si um mistério”, desde o vôo da andorinha até o brilho de um olhar. Logo, quando o conhecimento humano é usado para tentar subverter a noção que se tem das coisas do mundo, abrigando-se sob a égide de ter um mistério revelado, é porque o homem está agindo pretensiosamente.

De fato, não se pode negar que um dos maiores compromissos da ciência seja o de questionar as verdades irrevogáveis e tentar desvendar os mistérios que permanecem inexplicáveis. Mas até mesmo os questionamentos da ciência, quando elevados a uma lógica radicalmente racionalista, podem se transformar em paranóias e devoção religiosa. Assim, o que dizer, por exemplo, da proposição transcrita a seguir, Greene (2005, p.36):

Se a teoria das supercordas estiver correta, teremos forçosamente de aceitar que a realidade conhecida é apenas uma leve cortina que nos oculta a rica e espessa textura do tecido cósmico. [...] A descoberta de dimensões adicionais revelaria que a totalidade da experiência humana nos manteve completamente alienados de um aspecto básico e essencial do universo. Ela nos ensinaria que mesmo as características do cosmo que pensamos ser imediatamente acessíveis aos nossos sentidos não o são, necessariamente.

Será que a descoberta de outros mundos e outras realidades provará a supremacia do conhecimento do homem frente aos enigmas do universo? Seria isso o que deseja a humanidade, abrir portais para outros mundos? Seria isso necessário? Mas para quê? Para quem? Para que o homem possa se sentir mais perto do futuro, da ficção científica e das telas do cinema? Até que ponto a ciência tem o direito de distorcer a realidade, e transformar a vida dos seres humanos em um filme de Hollywood?

Ao chegarem ao consenso de que as experiências humanas enganam o homem porque a realidade que ele está experimentando é na verdade apenas uma nesga das realidades que estão entranhadas no tecido do cosmo, os físicos deflagrarão que a humanidade amadureceu. Ao menos, isso é o que Greene (2005, p.39) argumenta: “As nossas explorações ainda têm muito o que progredir, mas para vários de nós parece ser que a humanidade está finalmente chegando ao fim da infância”.

Que lástima! Se durante uma longa infância o homem cometeu tantas barbáries contra o planeta e o seu próximo, o que se deve esperar de uma “adolescência” rebelde e irresponsável? O que esperar quando se sabe que a melhor fase da vida ficou para trás? A ingenuidade acabou. As surpresas deixaram de surpreender. As conquistas passaram a não mais valer doces e afagos, e nem mesmo os doces continuam com sabores tão doces e os afagos tanto calor e aconchego.

Mas, afinal, em que consiste este plano da ciência de duvidar do êxito das experiências humanas, de colocar em xeque o valor da realidade e, ainda, promulgar o final da infância da humanidade?

Por ora, essa é uma pergunta que permanecerá sem resposta. Pelo menos, até que os físicos desenredem o emaranhado das suas cordas. Porém, enquanto isso não acontece, voltar-se-á ao plano que reconhece o quanto as experiências humanas são profícuas, que a realidade se constrói no cotidiano e que ainda há muito o que se

aprender com fase da infância. Esse plano atende pela alcunha de humanismo, e é sobre o seu desdobramento na geografia que se falará a seguir.

## **Poética, Humanismo e Geografia**

O filósofo, historiador e geógrafo de formações, Edgar Morin (2005, p.290) diz que “viver por viver significa viver poeticamente”. Ele questiona se um dia a humanidade poderá habitar poeticamente a terra e transformar a “hominização” em “humanização”. Acerca desses e outros aspectos relacionados à identidade humana, Morin (2005) escreve sobre a “humanidade da humanidade”.

Assim como Greene, que faz referências a Albert Einstein e Isaac Newton como figuras que representam a genialidade do conhecimento humano, Morin (2005, p.290) também se refere a uma seleção de gênios, entre eles: Mozart, Cervantes e Shakespeare. O autor reflete sobre o quanto de mistério existe na genialidade desses homens que revolucionaram os respectivos campos em que se destacaram: a música, a literatura, o teatro, enfim, as artes em geral. É bem provável que Morin esteja falando sobre eles para que seus leitores se dêem conta de o quanto “a humanidade da humanidade” é fascinante, e o quanto vale a pena acreditar na condição de ser humano.

Afortunadamente, “quanto mais a prosa invade a vida, mais a poesia reage” à sua rigidez e aspereza (MORIN, 2005, p.139). A razão elegeu a prosa como sua fiel companheira, visto que a prosa é mais enxuta e objetiva do que a poesia. Contudo, a poesia é muito resistente, pois mesmo repelida ela permanece indissolúvel. À espera de um titubeio da prosa, a poesia aguarda para preencher a razão com todo o seu encantamento e leveza.

Para Morin (2005, p.136), o estado prosaico é lógico, metuculoso e técnico. A poesia, ao contrário, se traduz por um estado emocional e afetivo, deflagrador da alegria, da paixão do entusiasmo e do êxtase.

Bachelard fez uso da poética para falar sobre muitos assuntos, por exemplo: o universo, a realidade, a ciência e entre tantos outros. Sobre a ciência, Bachelard (2007, p.13) escreve que ela é a “estética da inteligência”. Por realidade, o autor conclui que “o real nunca é ‘o que se pode achar’ mas é sempre o que se deveria ter pensado” (BACHELARD, 2007, p.17). E é por meio da “poética do espaço” que Bachelard (2008) entende o universo.

Para o filósofo, o universo se enquadra na mesma concepção de espaço poético da casa, do quarto, do sótão, do ninho, da concha e dos cantos. Por meio dessas associações, Bachelard apresenta a sua versão sobre a “imensidão íntima”. A concepção de espaço evidenciada por Bachelard pode ser relacionada, de certa forma, à intensidade das experiências que se pratica nesses espaços. A imensidão contém o universo, e a intimidade se resguarda no interior de uma concha, mas também vice-versa. Se para Bachelard (2008, p.190), “a imensidão está em nós”. Por que o universo não estaria contido na imensidão do homem?

Morin (2005, p.291) afirma que “carregamos em nós a vida e o cosmo”. Portanto, a imensidão e a intimidade dividem o mesmo espaço, dentro e fora dos seres humanos. Um homem pode sentir que o mundo tornou-se insuportavelmente pequeno e apertado, ou então, que a solidão transformou o seu pequeno quarto em um abismo infinito. Perder-se no íntimo e encontrar-se na imensidão, eis um exercício que depende de quão intensa será a experiência praticada em determinado espaço. Quando apropriado, vivido e experienciado em intensidades diferentes, o espaço torna-se um lugar.

A noção de lugar pode ser compreendida a partir de diferentes enfoques e análises em diversas áreas do conhecimento, e cada uma delas trabalha com uma conceituação específica. A própria geografia, que estuda o lugar como uma das mais importantes categorias de análise espacial, diverge em suas linhas de pesquisa.

Quando Milton Santos (1996, p.27) questiona de que maneira seria possível “fazer falar a Geografia, uma ciência social, à disposição das humanidades”, ele estaria se referindo a uma ciência que tem o dever de tratar a sociedade como humanidade, e não como dado, número ou estatística. Logo, a fim de conceder um tratamento humanista à geografia, optou-se pela reflexão acerca da categoria de lugar sob a perspectiva da geografia humanística. Esta se aproxima muito do pensamento fenomenológico de Bachelard, e da visão humanizada de Morin.

Não muito diferente da concepção filosófica formulada por Bachelard a respeito da poética do espaço, a geografia humanística também é capaz de compreender o espaço a partir da percepção humana. Foi o que Eric Dardel (1952) fez ao revelar que do par complexo homem/terra é que depende o entendimento da natureza geográfica. Holzer (2001, p.112) escreve que assim como Bachelard, Dardel “decompõe o espaço material em elementos que extrapolam os níveis de compreensão de uma ciência rigorosamente objetiva”.

Eric Dardel escreve sobre uma geografia que além de ser científica também deve servir como instrumento de descoberta e de aventura para o homem. Para o autor, a geografia deveria se ocupar em decifrar os signos ocultos da terra, já que o entendimento do espaço geográfico exigiria uma “atitude exploratória que aliasse ao rigor da ciência a observação pessoal e poética” (HOLZER, 1993, p.114).

De acordo com Holzer (2001, p.103), o objetivo de Dardel e sua “Geografia Fenomenológica” era o de fazer uma análise da relação visceral entre o homem e a terra. Para tanto, ao escrever sobre a história da geografia, Dardel não economizou na utilização de recursos míticos e poéticos, narrando, por exemplo, as bravuras da “*géographie héroïque*” (DARDEL, 1952, p.98). Esta seria praticada por geógrafos aventureiros que, assim como os antigos desbravadores, lançavam-se no mundo para descobrir novas terras e entregarem-se ao sabor do sentimento pela natureza.

Dardel (1952, p.109) também fala sobre a “*géographie de plein vent*”, título cunhado por Lucien Febvre, que se refere a uma geografia ativa e corajosa que assume o risco das grandes expedições e dá sustentação ao desejo de descoberta manifestado pela “*géographie héroïque*”. Considerando a necessidade do homem em sair “a pleno vento”, correr o mundo para melhor conhecê-lo, Dardel (1952, p.1-2) se utiliza da palavra “*géographicité*” – “geograficidade” – para definir a geografia como uma ciência das essências.

Assim, unindo ciência e filosofia, Dardel orienta o conhecimento empírico à luz da fenomenologia, que explora as leis eidéticas como revide aos mandamentos da ciência positivista. Com isso, a noção de geograficidade, ou seja, o modo como o homem se relaciona com a terra, o “ser-no-mundo”, passou a permear os estudos humanistas na geografia, e a fenomenologia tornou-se o principal instrumento de reflexão entre os geógrafos humanísticos.

Para a geógrafa humanística Anne Buttner (1985, p.170), “a fenomenologia poderia ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”.

Há que se ressaltar que Dardel foi o precursor na adoção do pensamento fenomenológico, servindo como uma importante referência para o desenvolvimento da geografia norte-americana e influenciando grande parte dos geógrafos humanísticos.



Dentre esses geógrafos, sobressai-se o nome de Yi-Fu Tuan. Numa perspectiva semelhante à de Dardel, Tuan (1983) procura elucidar as formas como o homem entende e experiencia o mundo. Por meio das variáveis da percepção humana, o autor vai reunindo respostas sobre as questões que envolvem a temática do espaço vivido. Os conhecimentos, as atitudes e os valores humanos são levados em conta por Tuan, para que o espaço e o lugar possam ser analisados a partir de um enfoque essencialmente humanista.

De acordo com Tuan (1983, p.18), “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade”. De modo que ele conclui, semelhantemente a Bachelard e Morin, que os espaços não residem apenas fora, mas também dentro do ser humano.

## **O Lugar e o Amor pelo Lugar**

O neologismo “topofilia” é um termo chave na obra de Yi-Fu Tuan. A topofilia diz respeito aos vínculos de afinidade entre o homem e os lugares. Ou ainda, nas palavras de Tuan (1980, p.106), topofilia significa o “amor humano pelo lugar”.

De maneira que para os seres humanos, a topofilia varia em intensidade e amplitude emocional. Ela está relacionada, entre outros, aos prazeres visuais efêmeros, ao deleite sensual da entrega, ao contato físico, mental e espiritual e ao apego pelo orgulho de posse e familiaridade (TUAN, 1980, p.286).

Para Mello (2001, p.88), a noção de topofilia revela o “sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade, que se contrapõe ao espaço indiferente”. Por essas e outras razões, a topofilia se traduz pela intensidade das experiências humanas nos diferentes lugares. A casa onde se nasceu, a rua em que se cresceu e o bairro, a cidade ou o país em que se viveu, ou que ainda vive-se. Esses lugares, tão íntimos e relacionais, fazem parte do passado e/ou do presente de qualquer ser humano em todas as fases de sua vida.

Para o homem, os lugares são como partes multifuncionais do espaço, que ganham vida nas experiências do cotidiano. Esses lugares podem ser espacialmente representados em escalas físicas, mas também nos arranjos simbólicos. Porque à medida que o ser humano intensifica as experiências vividas nos lugares, seja de moradia, trabalho ou lazer, ativam-se os sentimentos de pertença e afetividade, bem como os seus pares opostos, que podem ser percebidos como o estranhamento e a rejeição.

Os lugares do cotidiano estão carregados de sentido e por essa razão comportam diferentes dimensões para a interpretação e o entendimento espacial. Assim como as pessoas, os lugares também provocam afetos. Primeiro, porque os lugares são criados pelos homens; segundo, porque são os homens que habitam os lugares; e terceiro, porque os lugares também passam a habitar os homens. De maneira que o par homem/lugar se complementa, no mundo vivido, um não existe sem o outro.

De acordo com Buttimer (1985, p.190):

Se as pessoas forem crescendo mais adaptadas ao dinamismo e poeticismo do espaço e do tempo, e ao significado do meio na experiência da vida, poder-se-ia literalmente falar da vocação e da personalidade do lugar, que emergiria de experiências humanas partilhadas e dos ritmos têmporo-espaciais deliberadamente escolhidos para facilitar tais experiências.

Os homens precisam de lugares para viver. As sociedades aprenderam a se organizar no espaço criando lugares seguros e funcionais, por exemplo: o canto mais

protegido da caverna, a formação de uma aldeia, a disposição dos cômodos de uma casa a ser habitada, a aglomeração de prédios na avenida de uma grande cidade, etc.

Lugares são realizados a todo o momento. Os lugares são históricos, porque a partir do instante em que um lugar se realiza, já passa a ter uma história que se inscreve nas relações tecidas em sua formação. Um “lugar” sem pessoas e sem história não é um lugar, tampouco um “não-lugar”, como Augé (2007) o denominaria. É um espaço que se insere numa territorialidade, mas que não comporta a dimensão do cotidiano humano.

A casa é um próspero exemplo de lugar do cotidiano, ela é sempre íntima e relacional. De acordo com a “dialética dinâmica” de Bachelard (2008, p.24), “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”. Essa é sensível visão de Bachelard a respeito do lugar-casa e da casa-mundo.

Muitas pessoas desejam uma casa maior para morar e um mundo melhor para viver. A idéia de que esses dois lugares sejam realmente prósperos para serem habitados é um sonho recorrente na vida de muitos. Por sinal, Tuan (1980, p.130) escreve que “as pessoas sonham com lugares ideais”. Essa afirmação está relacionada às diferentes escalas da ambição humana acerca dos lugares, e também às aspirações do indivíduo em relação às suas práticas do dia-a-dia.

É verdade que as pessoas sonham com lugares ideais para trabalhar, estudar, constituir família, criar os filhos e passar as férias. Mas também é certo afirmar que as pessoas buscam lugares ideais para encontrar os amigos, namorar, fazer compras, meditar alguns segundos, começar a ler um livro, saborear um sorvete, passear com o cachorro e entre tantas outras pequenas ações que compõem o cotidiano.

Todos esses lugares são lugares que existem, principalmente, no consciente de cada indivíduo, afinal, a maioria das pessoas é capaz de saber onde deveria estar para fazer tudo o que foi citado anteriormente. A importância desses lugares está relacionada com a maneira em que eles são incorporados ao cotidiano, e ao jeito como os indivíduos interagem e se relacionam com eles.

Sobre uma possível poética dos lugares, poder-se-ia dizer que para tornar realidade o sonho do lugar ideal é preciso que se comece por realizá-lo. A realidade surgirá na prática do cotidiano, e neste também nascerão os lugares. E assim, em meio às experiências mais intensas e banais, o lugar será uma realidade. Tão real como as vigas de uma casa. Tão lugar quanto o cosmo que habita dentro dela.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papirus Editora, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia.** 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

GREENE, Brian. **O tecido do cosmo**: o espaço, o tempo e a textura da realidade. Tradução de José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. Revista brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 90-109, jan/dez, 1993.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In. Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yu-Fu Tuan. In. Zeny Rosendal e Roberto Lobato Corrêa (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In. **Os pensadores. Nietzsche**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.

SANTOS, Milton. El espacio banal, una epistemologia de la existencia. In. Universitat de Barcelona, Solemne Investidura de Doctor Honoris Causa, noviembre 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In. Christofolletti, Antonio; (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.